



CARTA: FHC e o presidente de Portugal receberam uma carta de 40 índios xavantes e mehinakus

FHC inaugura mostra no Ibirapuera

O presidente Fernando Henrique Cardoso e o de Portugal, Jorge Sampaio, inauguraram, ontem, em São Paulo, a Mostra do Redescobrimento Brasil Mais 500, no Parque do Ibirapuera.

Ele conversou rapidamente, entre outros, com o ministro da Cultura, Francisco Weffort; da Saúde, José Serra; e também com o governador de São Paulo, Mário Covas, e o vice, Geraldo Alckmin.

Fernando Henrique permaneceu na exposição por 20 minutos, antes de seguir para Brasília, e teve tempo de assistir à apresentação de 40 índios xavantes e mehinakus, que lhe entregaram uma carta endereçada a ele e ao presidente de Portugal. "Não

estamos comemorando nada", diz o texto. "Vivemos nesse lugar há muito tempo, muito antes dele se chamar Brasil. Nossos ancestrais andavam aqui em liberdade... Hoje, vivemos cercados, em pequenos pedaços de terra."

O ministro das Relações Exteriores, Luís Felipe Lampreia, presente à inauguração, comentou os incidentes na Bahia: "Os conflitos foram para a mídia ver e não afetaram em nada a força das comemorações."

Ministério Público vai abrir inquéritos

Nota assinada por três procuradores diz que violência contra os índios pode ser considerada abuso de autoridade

O Ministério Público Federal (MPF) anunciou ontem que determinará a abertura de inquéritos para apurar as responsabilidades pelas agressões ocorridas em Santa Cruz Cabrália, nas comemorações dos 500 anos do descobrimento, anteontem. De acordo com nota divulgada por procuradores da República na Bahia, os atos de violência que eles presenciaram "podem constituir atos de improbidade administrativa e configurar a prática de vários crimes, como abuso de autoridade, periclitacão da vida e da saúde, lesões corporais e cárcere privado".

A nota é assinada por três procuradores que acompanharam a manifestação, ao lado dos índios: Márcio Torres, Robério dos Anos Filho e Paulo Fontes.

Eles tentaram de várias maneiras intermediar negociações entre as autoridades e as lideranças indígenas, para garantir a realização da manifestação. On-

tem, a sensação de frustração entre eles era visível. "O que aconteceu ali pode ser visto como ameaça à democracia", desabafou Torres.

Sem justificativa

Na nota, eles também afirmam que não aceitam a justificativa de que a violência teria sido cometida para garantir a segurança da comitiva presidencial.

Até ontem, era impossível determinar com precisão o número de pessoas que foram socorridas em decorrência da ação policial em Santa Cruz Cabrália. O posto da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), instalado ao lado do Museu dos Índios Pataxó, na área do conflito, atendeu 30 pessoas com diversos tipos de queixas, de ferimentos causados por quedas a problemas respiratórios e de pressão.

Outros postos de atendimento médico e hospitais da região acabaram sendo procurados. No Posto de Saúde da Praia de Coroa Vermelha, município de Cabrália, cinco manifestantes foram socorridos com pequenos ferimentos causados por estilhaços. Para o mesmo local foram encaminhados dois policiais.

Além disso, 14 pessoas procuraram socorro na Maternidade de Coroa Vermelha, a maioria

delas com problemas respiratórios causados pelo gás lacrimogêneo. Também há informações de que alguns índios procuraram socorro em outras cidades. Informações que circulavam ontem na sede provisória do Conselho Indigenista Missionário (CIMM) instalado em Cabrália, um índio de Alagoas teria ficado com as duas pernas gravemente feridas, após ser atingido por uma bomba de gás lacrimogêneo.

O ministro do Turismo e Esportes, Rafael Greca, defendeu ontem a ação das forças de reprimir os protestos contra as comemorações oficiais dos 500 anos do descobrimento. "Diante da intolerância dos manifestantes, a PM e o exército foram tolerantes", afirmou Greca à noite, pouco antes da cerimônia de inauguração da nova iluminação do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro.

Roldão Arruda, enviado especial



Marcha dos índios foi dissolvida pela Tropa de Choque da Polícia Militar da Bahia: repercussão negativa

Presidente da OAB denuncia exclusão

O presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Reginaldo de Castro, considerou "lamentáveis" a violência policial contra manifestantes nas comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, em Cabrália, na Bahia, e a exclusão do povo, quando na verdade deveria tratar-se de um evento de cidadania. O deputado José Genoíno (PT-SP) prevê repercussões negativas no Congresso, nesta semana.

Para o presidente da OAB, a manifestação em Porto Seguro "revela um nível de insatisfação extremamente grave". Ele admite que o discurso do presidente FHC é

democrático, mas constata que há um descompasso entre o discurso e a ação do governo. De Castro atribui essa situação ao isolamento existente entre Estado e nação.

Quanto ao argumento, freqüentemente usado, de que o Brasil de hoje é fruto da herança de 500 anos, o presidente da OAB disse que, agora, "é preciso refundar as instituições para que se possa reverter a insatisfação popular". De Castro disse que não é com violência policial que se resolve o problema da insatisfação popular e insistiu em que é preciso estabelecer um clima de diálogo. Segundo ele, é

necessário que os partidos políticos, que são a representação popular num regime democrático, assumam o seu papel. "Cabe às lideranças políticas darem espaço para a manifestação, e não mandar a polícia reprimir com violência."

Para o deputado José Genoíno, os fatos ocorridos em Porto Seguro refletem a realidade nacional. "Relatam a história do Brasil: o poder protegido e o povo apanhando", afirmou. "Os 500 anos não são de Fernando Henrique Cardoso ou do governo da Bahia", protestou o deputado, para quem as oposições devem levar o fato à discussão na Câmara e no Senado. O parlamentar, contudo, acredita que a maior repercussão virá de fora. "Essa repressão desproporcional e violenta à manifestações do povo vai pegar muito mal para o Brasil no exterior."